

A (IN)DISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

(IN)DISCIPLINE IN SCHOOL CONTEXT: CHALLENGES AND PROSPECTS

Ana Paula Feixeira Vergamota de Sá ¹

Andréa Barbosa de Lima ²

Maria Jorgiane Gomes ³

Lucíola Lima Caminha Pequeno ⁴

RESUMO

O presente artigo aborda a questão da (in)disciplina no contexto escolar atual, seus desafios e perspectivas. O objetivo é ampliar a compreensão acerca da indisciplina, identificando e refletindo sobre os tipos de comportamento frequentes, estratégias utilizadas na escola e papel da família. Como metodologia, utilizou-se de uma abordagem qualitativa, pesquisa de campo e da pesquisa bibliográfica, esta para entender sobre o conceito de indisciplina na educação, relacionando o comportamento ao período histórico e sociedade da época. O lócus foi uma Escola Municipal do bairro Jangurussu, em Fortaleza. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados uma entrevista semiestruturada e um questionário, aplicados às professoras e ao diretor da escola. As reflexões a respeito do tema levaram à conclusão de que o relacionamento professor-aluno, a metodologia aplicada, o regimento escolar e a família são segmentos de grande relevância que necessitam de uma atenção por parte dos seus condutores, para que possam desenvolver junto à criança um trabalho comportamental eficiente para qualquer ambiente, em especial para a sala de aula.

Palavras-chave: Indisciplina. Família. Escola. Sociedade. Educação.

ABSTRACT

This article addresses the issue of (in) discipline in the current school context, its challenges and perspectives. The goal is to broaden the understanding of indiscipline, identifying and reflecting on the frequent types of behavior, strategies used in school and family role. As a methodology, a qualitative approach, field research and bibliographic research were used to understand the concept of indiscipline in education, relating behavior to the historical period and society of the time. The locus was a municipal school in the Jangurussu neighborhood of Fortaleza. As data collection instruments, we used a semi-structured interview and a questionnaire, applied to the teachers and the school principal. The reflections on the theme led to the conclusion that the teacher-student relationship, the applied methodology, the school regiment and the family are segments of great importance that need the attention of their drivers, so that they can develop with the child. efficient behavioral work for any environment, especially the classroom.

Key words: Indiscipline. Family. School. Society. Education.

¹ Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu – E-mail: anapaulaverga@gmail.com

² Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu – E-mail: andreablina@msn.com

³ Graduanda em Pedagogia pelo Centro Universitário Ateneu – E-mail: jorgiane_gomes@hotmail.com

⁴ Professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu – E-mail: luciola.pequeno@uniateneu.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A indisciplina vem sendo frequentemente debatida na comunidade escolar e é uma das dificuldades que os educadores vêm enfrentando, pois dificulta a sua prática pedagógica e o processo de aprendizagem. A escola sofre reflexo da sociedade em que está inserida, o que traz grande influência na vida das pessoas, principalmente nas crianças que estão em fase de formação.

Diante das contradições sociais e conflitos da atualidade, a discussão e reflexão acerca dos conceitos de indisciplina e maneiras de lidar com ela, constituem-se em um verdadeiro desafio ao trabalho pedagógico, por isso não podem ser tratados de forma isolada por gestores educacionais, docentes e pais, porque essas pessoas influenciam diretamente no comportamento da criança, sendo, no seio familiar, que encontramos os primeiros educadores.

Sabemos que são muitas as mudanças que vêm ocorrendo há décadas em todos os segmentos institucionais, quer seja na sociedade como um todo, no sistema educacional ou na família. A educação é um processo complexo, e a indisciplina vem sendo vivenciada na escola de formas variadas e envolve vários segmentos, podendo ocorrer um desgaste nas relações interpessoais, principalmente entre professor e aluno.

Nesse sentido, a temática se torna relevante para a comunidade acadêmica, pois é através dos estudos realizados que conseguiremos obter mais conhecimentos e compreender melhor o assunto, para aplicar em nossa prática. Entendemos que a indisciplina não é um fenômeno da contemporaneidade e que ela é comandada por uma série de elementos externos e internos, inerentes ao indivíduo. Todo esse estudo e debates são importantes, uma vez que, cabe aos profissionais da educação não cair nos preconceitos antes de uma prévia avaliação do seu educando.

Para nós, as experiências vivenciadas em sala de aula, e ainda as observações feitas no período dos Estágios na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, onde presenciamos vários momentos de indisciplina das crianças, assim como a postura das professoras, justificam nosso interesse na temática, porque nos fará compreender e conhecer as estratégias utilizadas hoje por professores, escolas, bem como as dificuldades encontradas diante da postura da família e da sociedade.

A (in)disciplina não pode ser tratada de forma isolada, pois envolve questões de ordem e escalas diversas, desde a sociedade como um todo, até ao sistema educacional nacional, local e a família. Diante dessa realidade, quais os desafios e perspectivas sobre a indisciplina no contexto escolar?

A partir do tema abordado, temos como objetivo geral ampliar a compreensão sobre a indisciplina no contexto escolar e, como específicos, identificar os tipos de indisciplina mais frequentes, suas possíveis causas e consequências, assim como conhecer as estratégias utilizadas pela escola e professor em sala de aula e refletir sobre o papel da família nesse contexto.

2 CONCEITUANDO DISCIPLINA E INDISCIPLINA: CARACTERIZAÇÃO DOS ASPECTOS RELEVANTES

Para entendermos o que é indisciplina escolar, precisamos primeiramente entender esse conceito de forma ampla, que aparentemente é simples, mas, na verdade, é complexo, pois está atrelada a determinada época da sociedade e suas ideologias. Segundo Garcia (1999, p.102):

O conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. Um entendimento suficientemente amplo do conceito de indisciplina escolar precisa integrar diversos aspectos. É preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. Ainda, é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico desta virada de século.

Percebemos a complexidade desse conceito, considerando que a indisciplina está relacionada a vários fatores e que são também, internos e externos à escola, não sendo adequado relacionar apenas a questão comportamental.

Segundo Aquino (1996, p.40), “para aqueles preocupados com a problemática da indisciplina, o aprofundamento das discussões exige, sem dúvida, um recuo estratégico do pensamento.” Tal afirmação corrobora com a opinião de Garcia (1999, p.103) quando diz: “a indisciplina escolar apresenta, atualmente, expressões diferentes, é mais complexa e “criativa”, e parece aos professores, mais difícil de equacionar e resolver de um modo efetivo.” Os autores reforçam dessa forma o entendimento da indisciplina, sobre sua restrição, não ser considerada apenas comportamental.

A indisciplina não é um fenômeno estático e nem abstrato que mantém sempre as mesmas características, vai se modificando através dos tempos, com vários modelos, tanto para as relações sociais, como para o sistema escolar, muitas vezes burocrático e padronizado, gerando uma padronização também no comportamento. Ao longo dos anos, esses conceitos foram sendo interpretados de outra forma, a partir do contexto da sociedade em que a escola encontra-se inserida.

Para entendermos essa mudança, precisamos buscar esse entendimento na história da educação e as transformações que ocorreram através das décadas, principalmente como eram interpretados esses conceitos no âmbito educacional. E, para compreender melhor essa questão, é relevante abordar um conceito do que era considerado como “disciplina”.

De acordo com Passos, a partir de um contexto sócio-histórico:

O termo disciplina tem vários significados. Começamos pelo sentido tardio, que surgiu durante a idade média, e que é associado à punição: disciplinar alguém é impor a regra mediante ameaça ou aplicação de um castigo. Essa concepção permaneceu na educação tradicional, que se caracterizava pela exterioridade da regra. (PASSOS, 2011, p.32).

A partir do entendimento desse conceito, fica mais claro compreender o que era considerado uma atitude indisciplinar em alguns momentos da educação, principalmente na educação tradicional, que era fugir à regra imposta, mas isso ainda é presente nos dias atuais, pois quem não segue as regras disciplinares pode ser considerado indisciplinado.

2.1 Um recorte da educação brasileira para a compreensão da indisciplina

Segundo Gadotti (2002), a educação no Brasil tem suas raízes no pensamento religioso medieval e foi se transformando pelo pensamento Iluminista trazido da Europa por estudantes positivistas e liberais, contudo foi ganhando autonomia através da Escola Nova no final do século XIX, assim se pronuncia o autor:

Os jesuítas nos alegaram um ensino de caráter verbalista, retórico, livresco, memorístico e repetitivo, que estimulava a competição através de prêmios e castigos. Discriminatórios e preconceituosos, os jesuítas dedicaram-se à formação das elites coloniais e difundiram nas classes populares a religião da subserviência, da dependência e do paternalismo, características marcantes de nossa cultura ainda hoje. Era uma educação que reproduzia uma sociedade perversa, dividida entre analfabetos e sabichões, os “doutores”. (GADOTTI, 2002, p. 231).

Podemos considerar que, em um modelo repetitivo, com premiações e castigos, era esperado também um determinado tipo de comportamento que gerasse conflito e rivalidade, dificultando o aprendizado a quem não se enquadrasse naquele modelo, dessa forma, era julgado como indisciplinado, pois não obedecia aos “considerados padrões de comportamento” da época. Durante esse período, a disciplina escolar era bastante rigorosa, não sendo permitido atitudes que fugissem às regras ou às normas da época, porque assim ocorrendo, a esses alunos eram prescritos açoites, palmatórias e admoestações.

Na educação brasileira houve também outros movimentos, um exemplo foi o movimento Anarquista (1850), que desencadeou um processo revolucionário, cujo posicionamento em relação à educação derivava do princípio da liberdade, ou seja, não existia um foco voltado para a indisciplina. Entretanto, esperavam-se mudanças na mentalidade das pessoas, processo esse que deveria ser feito na educação, caso contrário, não teria êxito (GADOTTI, 2002).

Várias mudanças ocorreram na sociedade através dos tempos. Logo após o fim do regime militar, veio a redemocratização e, com ela, a discussão sobre a importância da gestão democrática nas escolas, onde professores, gestão escolar, pais e comunidade passaram a ter um papel importante na construção do saber. Encontrou-se uma abertura maior, e as mudanças que ocorrem na sociedade, como a tecnologia que avança e a globalização, exigem da educação um novo papel.

O professor deixa de ser o detentor de toda a sabedoria e o aluno começa a ter mais autonomia e apropriação do saber. Não mais se veem os castigos impostos apenas como forma de disciplinar, mas uma forma de reflexão dos seus atos, ainda que nos deparemos, com frequência, com a “falta de limites”, alunos desatentos, desinteressados, que não respeitam os direitos e deveres da instituição escolar.

Conforme Passos (2011), a indisciplina nos últimos anos vem sendo algo muito preocupante e que está se generalizando no quadro dos diferentes sistemas educativos e familiares. Entende-se, também, que a indisciplina é um fenômeno demasiadamente complexo, motivado por muitas variáveis de diversas naturezas, o que dificulta apontar soluções satisfatórias.

3 A INDISCIPLINA E A RELAÇÃO PROFESSOR, ESCOLA E FAMÍLIA

Como já colocado, para poder “enfrentar” o problema da indisciplina, é necessário compreendê-lo, ou seja, entender o que está acontecendo atualmente com a disciplina em sala

de aula. Na escola, a indisciplina também está associada a problemas morais, uma vez que os indivíduos não vivem sozinhos, excluídos da sociedade, de modo que, precisa haver regras que permitam a socialização entre eles. Como uma via de mão dupla, o respeito ao outro, aos espaços, às ideias, têm que ser entendidos como limites, que vão conduzir a vida de forma consciente, sem causar prejuízos ao outro.

Na sociedade não podia ser diferente, já que ela se adequa aos períodos históricos e passa por mudanças constantes, pois atualmente vivemos um viés da modernidade e o avanço da tecnologia, como por exemplo, os dispositivos móveis e redes sociais, que tem influenciado diretamente nos comportamentos de adultos e, principalmente, de crianças.

Podemos dizer que estamos em crise? Chegamos ao momento que se faz necessário redefinir as regras para manter a organização do coletivo, pois os seres humanos se organizam intencionalmente para se apropriarem dos avanços civilizatórios em benefício da coletividade. Reforçando as afirmações ora mencionadas, o Passos diz que:

A escola em interação com o meio não fica imune as tensões e desequilíbrios da sociedade envolvente com desigualdades econômicas e sociais, crise de valores, conflito de gerações, sendo a indisciplina um reflexo da sociedade em geral. (PASSOS, 2011, p.33).

É necessário se adaptar ao meio, mas essa adaptação, principalmente na escola, ocorre de forma lenta e gradual, dificultando uma aproximação, um diálogo entre os sujeitos de determinada geração.

Quando pensamos em indisciplina, vem-nos à mente a questão do comportamento, como as conversas paralelas em sala, bagunça, desrespeito, algo que possa atrapalhar o andamento da aula, de fato, são questões recorrentes na escola, mas que precisamos, além do diálogo, interpretar de outra forma, despindo possíveis rótulos dos alunos e sendo mais otimistas em procurar soluções para a situação.

Segundo Alves (2006, p. 16), “A prática educacional, como toda e qualquer prática, faz surgir uma série de questões e, especificamente no trato de problemas ligados à indisciplina, levantam dificuldades que instigam com frequência os sujeitos envolvidos no processo educativo”. As razões pelas quais a indisciplina ocorre estão diretamente ou indiretamente distribuídas igualmente por todos os segmentos contextuais do qual o indivíduo está inserido.

3.1 O professor, a indisciplina e algumas estratégias

Quando as crianças ingressam na escola, pressupõe-se que já conheçam um pouco as regras de funcionamento de uma coletividade, em qualquer tipo de relação grupal, dentro das suas limitações e de acordo com a sua idade. Respeitando as etapas do desenvolvimento, cabe ao professor estar preparado para compreendê-las e desenvolver seu trabalho com “ações pedagógicas reflexivas”, e que contribuam para a aprendizagem e desenvolvimento da criança.

A profissão de professor exige, principalmente nos dias atuais, vários tipos de conhecimentos, não apenas em relação aos conteúdos propriamente dito, mas de relação interpessoal também. O docente em sala de aula acaba se desgastando muito com o comportamento de seus alunos, às vezes, tomando muito tempo de sua aula para repreender os mesmos. Mas o que fazer? Muitas vezes, os atos considerados indisciplinados não são fáceis de lidar, e, às vezes não estão na alçada do professor, pois alguns requerem acompanhamento especializado profissional, uma vez que, hoje em dia, existem diversas dificuldades, distúrbios e transtornos de aprendizagem como: autismo, déficit de atenção e hiperatividade, entre outras, que podem ser confundidos como indisciplina. Temos cada vez mais alunos com esses tipos de transtornos e/ou dificuldades de aprendizagem, que muitas vezes, se não diagnosticadas, podem ser confundidos apenas como uma atitude contrária às regras e normas da escola.

Fazer com que os alunos prestem atenção durante a aula é um desafio. O professor deve estar preparado com diversas metodologias interativas e lúdicas, a fim de tomar para si toda a atenção possível, obtendo êxito na participação dos alunos.

As “regras” existem para organizar e garantir que todos tenham as mesmas oportunidades e o mesmo tratamento, vale salientar que este é um “ideal” abstrato e, quase sempre, conflitante na sociedade, com pessoas e situações diferentes. Na escola, lidamos com pessoas de várias faixas etárias, de diferentes educações e formas de criação. Então as regras são, mais que nunca, necessárias para manter o “bom funcionamento”.

Para manter uma ordem e um ambiente saudável, é necessário que a escola e o professor adotem algumas estratégias de “combate” à indisciplina, sendo algumas delas sugeridas em trecho do artigo da Escola da Inteligência⁵ (2018):

Elaborar atividades educativas e lúdicas que ensinem sobre bons hábitos;
envolver os alunos em atividades de descontração, riso e auto expressão;
incentivar a família a estar sempre atenta ao comportamento das crianças e

⁵ Citação retirada do site da Escola da Inteligência: <https://escoladainteligencia.com.br/indisciplina-escolar-infantil-causas/> Acesso em: 20 de setembro de 2019.

dos adolescentes, conversando sobre o dia a dia escolar, identificando as questões emocionais que as afligem; lembrar que a família é o exemplo central para as crianças. Elas aprendem eminentemente pelo exemplo, isto é, secundarizam o discurso.

Essas e outras estratégias nos apontam um caminho, uma tentativa contra a indisciplina, não uma solução finita. Cabe o professor avaliar, de forma individual e geral, a sua turma e adaptar ações de acordo com as diversas realidades.

A relação professor-aluno é construída e reconstruída continuamente, o educador deve ter um olhar mais atencioso e cuidadoso com os perfis agressivo, distraído, desafiador e “engraçadinho”. É necessário que haja precauções em determinadas situações indesejadas para ambas as partes, pois esses tipos de comportamento podem estar relacionados a problemas pessoais, familiares, questões emocionais ou, até, a algum tipo de distúrbio neurológico. É fato que, um aluno indisciplinado atrapalha o funcionamento de toda a sala de aula, tirando o foco das outras crianças, causando prejuízo para os colegas e para si. Com isso, passam a ter mais dificuldades, pois não alcançam o objetivo proposto, gerando mais indisciplina, seja por baixo rendimento e falta de interesse e, como consequência, em alguns casos, levando até a evasão da escola. Para Vasconcellos (1995), deve-se enfrentar o problema logo no início.

Temos que analisar a gênese do problema, a história do aluno e/ou da classe: que experiências teve nos anos anteriores, que visão tem da escola, da disciplina, aquela matéria específica, do professor. “Não se pode explicar uma conduta isolando-a do meio em que ela se desenvolve”. Partir da realidade. (VASCONCELLOS, 1995, p.90).

É importante que o educador, desde o início do ano letivo, elabore regras de convivência, os chamados “combinados”, para que todos saibam o funcionamento do ambiente, bem como o seu papel no coletivo para que tudo transcorra com tranquilidade. Pode até não parecer importante, mas a criança se sente valorizada quando faz parte dessa construção.

Tudo é importante analisar, desde suas experiências em anos ou escolas anteriores, sua percepção de mundo e sua relação com a família.

3.2 A indisciplina e a relação família e escola

A família, habitualmente, é considerada uma instituição responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento dos mesmos no meio social. O “papel da família” no desenvolvimento de cada indivíduo é de fundamental importância. No seio familiar

são transmitidos e adquiridos os valores morais e sociais, que servirão de base para o processo de socialização da criança, bem como as tradições e os costumes. Também, nesse ambiente, espera-se que seja proporcionado segurança, afeto, proteção e todo o tipo de apoio na resolução de conflitos e problemas, o que, em muitos casos, não ocorre. Quando as crianças não recebem esse apoio de uma maneira geral, isso vai refletir em alguma característica da sua vida, podendo refletir na escola ou não.

A relação família e escola se complementam. No entanto, quando não há a existência de participação ativa da família na educação da criança, leva-nos ao entendimento de que a indisciplina, segundo Aquino (2000, p. 90):

[...] Que se trata, supostamente, de um sintoma de relações familiares desagregadoras, incapazes de realizar a contento a parcela de contribuição no trabalho educativo das crianças e adolescentes. Um esfacelamento do papel clássico da família, enfim.

As famílias sempre são alvo de muitas críticas. Percebemos significativas mudanças nas estruturas da sociedade mundial e no conceito de família, e que poderão desencadear ações consideradas indisciplinadas, assim como hierarquia de valores invertidos em relação à escola e transferências de responsabilidades são algumas questões a serem consideradas nesse contexto. A escola precisa manter um diálogo constante com a família, para entender o processo de cada criança, procurando orientar os professores.

Consideramos então que, se não houver aluno, não tem sentido haver escola, nem professores. Sem a escola, a possibilidade de o “cidadão” ter acesso aos seus direitos constituídos e outros conhecimentos fica remota. Entendemos que o papel da escola não é só cumprir a função de transmitir conhecimentos e habilidades, mas entender, também, que ela tem uma educação sistemática (formal), e precisa cumprir um programa, obedecer a um currículo e que, para que esse cumprimento funcione, é preciso adotar regras, mas, apesar disso, a escola é um agente socializador, onde o indivíduo é formado e pode construir sua própria história.

Espera-se que a escola além de participante do desenvolvimento e socialização da criança, possa analisar a questão pedagógica, metodológica e estrutural do ensino-aprendizagem, com relação ao meio social, levando em consideração o contexto histórico e as relações interpessoais.

Embora o conceito de indisciplina tenha uma compreensão contraditória, é fato que muitas atitudes são consideradas indisciplinadas e, muitas vezes, desrespeitosa com a comunidade escolar, como a violência física e moral. Não existe uma solução fácil ou imediatista, mas é preciso, sim, discutir regras, estabelecer limites e criar estratégias para um bom convívio dentro e fora da escola. Por isso os agentes transformadores que estão mais próximos à criança, como a família, escola e professores, devem manter um diálogo constante, aberto e cooperativo.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de pesquisa

Dentro de uma abordagem qualitativa, através dos métodos escolhidos, será possível conhecer e interpretar, de forma mais aprofundada, determinados aspectos que precisam de um maior contato com o objeto de estudo, para ser melhor compreendido, como é o caso da indisciplina escolar, que requer leituras e aproximação da realidade escolar.

Compreendendo a realidade social em sentido amplo, que envolve os seres humanos, seus múltiplos relacionamentos e suas interações nas instituições sociais, entende-se que esse estudo se aproxima de uma pesquisa social, nos termos colocados por Gil, ou seja, uma pesquisa que “permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.” (GIL, 2008, p.27).

A pesquisa também se deu por meios bibliográficos, que Gil (2010) conceitua como sendo um tipo de pesquisa elaborada, tendo como base principal materiais publicados, tais como: livros, artigos, revistas, sites, entre outros, com o objetivo de analisar o conteúdo publicado em relação ao tema proposto.

E, por fim, uma pesquisa de campo, em que Marconi e Lakatos (2010) referem-se como sendo uma forma de pesquisa em que o objetivo é obter informações diretamente no local a ser pesquisado.

4.2 Local e Sujeitos da pesquisa

O lócus de pesquisa é uma Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental I, localizado na comunidade do grande Jangurussu, na cidade de Fortaleza. A Escola Municipal iniciou suas atividades no dia 19 de novembro de 1982. A comunidade sempre lutou por uma escola onde seus filhos pudessem desfrutar de um ensino melhor e que tivesse uma boa

qualidade na aprendizagem e um ensino para a vida. A escola foi criada com a participação da comunidade, e como mentor de suas criações o senhor Dr. João Batista Romcy, amigo do bairro. Foi criado um Conselho de Moradores e a Escola saiu da imaginação e do projeto para uma realidade, onde a vida nunca mais foi a mesma. Após a sua criação tudo mudou para melhor.

A Escola Municipal conta com uma infraestrutura física satisfatória para a quantidade de alunos, que totaliza 1040 matriculados, composta por 26 salas de aula, 01 biblioteca, 01 sala de matemática, 01 laboratório, 01 quadra esportiva, 01 pátio coberto, 01 refeitório, 01 cozinha, 01 depósito de merenda, 02 almoxarifados, 01 banheiro masculino com 6 cabines e 01 banheiro feminino com 8 cabines. Compondo o quadro de funcionários temos: 20 professores efetivos, 21 professores substitutos e 06 integrantes do Núcleo Gestor: Diretor, Vice-Diretora, 03 Coordenadores Escolares e 01 Secretário Escolar.

A escolha do lócus se deu pelo fato de termos feito nosso Estágio Supervisionado na referida escola, e poder observar a dinâmica das salas enquanto estagiárias; observamos várias atitudes tidas como indisciplinadas, o que nos chamou atenção e, a partir daí, em outro momento, já como pesquisadoras, foram realizadas visitas informais à escola como um todo e em algumas turmas específicas, como na da Educação Infantil Ve do Fundamental I, pois foi relatado por professores e coordenadores, como turmas com um certo grau de indisciplina de alunos. Com isso pudemos reunir todos os aspectos necessários que se enquadrariam dentro da temática de nossa pesquisa, o que nos respalda das escolhas, sendo escolhidas para as entrevistas uma professora da turma do Infantil V e uma do 5º ano do Fundamental I.

Os sujeitos da pesquisa foram: uma professora da Educação Infantil V, uma professora do Ensino Fundamental I e o Diretor da escola. A escolha dos sujeitos citados se dá, uma vez que as professoras estão à frente de algumas das turmas identificadas com maior índice de indisciplina, e o diretor, por sua disponibilidade e interesse ao tema, junto com ações de “combate” à indisciplina escolar, relatado por ele em uma das visistas realizadas e que faz parte da nossa temática.

4.3 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas e questionário com os sujeitos da pesquisa. Sobre a coleta de dados, Vergara (2010, p.51) nos diz que: “Na coleta de dados, o leitor deve ser informado como você pretende obter os dados de que precisa para responder ao problema”.

Quanto aos instrumentos, utilizaram-se entrevistas semiestruturadas com a professora da Educação Infantil V manhã e a professora da Ensino Fundamental I, do 5º ano manhã – turma B. Em relação à entrevista, Vergara (2010, p.52) informa: “A entrevista é um procedimento no qual você faz perguntas a alguém que, oralmente, lhe responde. A presença física de ambos é necessária no momento da entrevista, mas, se você dispõe de mídia interativa, ela se torna indispensável”. Já para o diretor, foi aplicado um questionário. Esse instrumental tem como característica uma sequência de perguntas apresentadas ao respondente, por escrito, de forma impressa ou digital (VERGARA, 2010).

As entrevistas e o questionário foram compostos por 5 perguntas, com a finalidade de levantar dados a respeito da indisciplina escolar, como o professor age em situações de indisciplina, quais procedimentos são adotados pela gestão e família para resolver essa problemática. Na análise de dados, optou-se em retirar das entrevistas e do questionário os trechos mais pertinentes à temática, para a devida análise e comparação entre teóricos, podendo ser encontradas as respostas em sua íntegra nos anexos do trabalho.

4.4 Aspectos éticos

Foram incluídos nesse estudo todos os profissionais citados que concordaram em participar da pesquisa de forma voluntária. Foi aplicado um questionário e duas entrevistas, disponibilizados para cada um, em momentos distintos, sendo mantido o sigilo dos nomes das professoras, diretor e escola.

Quanto aos riscos deste estudo, consideramos serem mínimos. Não houve nenhum procedimento invasivo à privacidade dos entrevistados. Os entrevistados puderam, a qualquer momento, optar em não responder às perguntas ou até mesmo interromper a entrevista/questionário caso se sentissem constrangidos, tendo também autorizado a sua participação na referida pesquisa, por meio de consentimento livre e esclarecido. Quanto aos benefícios deste estudo, são esperados resultados a respeito da ampliação do conhecimento acerca da indisciplina no contexto escolar.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as teorias até aqui apresentadas e com o propósito de contextualizar a práxis a respeito da indisciplina, aplicou-se no dia 07 de outubro de 2019, no período da manhã, uma entrevista semiestruturada com duas professoras, sendo uma da Educação Infantil V e uma

do Ensino Fundamental I – 5º ano e um questionário com o diretor da escola, tendo os instrumentais o total de 5 perguntas. As perguntas 1, 2 e 5 são as mesmas para todos os pesquisados, sendo a 3 e 4 diferenciadas para o diretor, para incluir a visão de gestor da escola, acontecendo, em alguns momentos, análises diferenciadas das respostas.

Conforme destacado nos aspectos éticos, a privacidade dos entrevistados foi preservada, por esse motivo serão mencionados a professora do Infantil V – como “P1” e a professora do Ensino Fundamental I, do 5º ano, como “P2” e o diretor da escola, apenas como “Diretor”.

Iniciamos com a identificação da formação e tempo de magistério das professoras. Ambas são formadas em Pedagogia, sendo a professora “P1” já atuante no magistério desde 2002, ou seja, 17 anos, e a professora “P2” atua no magistério desde 2012, totalizando 7 anos de sala de aula. O “Diretor” é formado em Educação Física, tem especialização em Planejamento Educacional e Esporte Escolar, está há 27 anos no magistério e atuando como diretor há 6 anos e meio.

Na primeira pergunta, a mesma para os três entrevistados, indagamos quanto ao conceito e exemplos de indisciplina. De acordo com a “P1”:

A indisciplina já vem de casa, porque muitos alunos são muito indisciplinados porque a mãe não bota regras em casa. E quando a gente vai colocar regras, que na sala de aula tem que ter regras, eles não querem aceitar. Então a gente vai levando, vai conversando até conseguir moldar ele, mais ou menos parecido com nível de sala de aula.

Em relação aos exemplos, ela informa que: “Eles são muito agressivos, se um aluno falar alguma coisa eles querem questão de bater, revidar e não obedecer. As normas dizem, vamos sentar, está na hora de sentar e escutar, eles não querem. Querem ficar conversando, brincando, são esses exemplos.”

A professora “P2” conceitua a indisciplina como:

Eu conceituo em vários aspectos, um deles é assim: o ambiente, a alimentação, a falta de compromisso dos pais com alguns filhos. Então tudo isso faz com que aconteça a indisciplina. Porque quem educa são os pais. A escola é apenas uma continuidade. Eu estou aqui para abrir janelas do conhecimento, eu sou orientadora do saber. Quem educa é pai e mãe.

Concluindo sua resposta, a professora “P2” cita os exemplos de indisciplina,

Aqui as indisciplinas são o quê, da mesma forma que eles costumam tratar, não são todos, não vou generalizar, mas alguns alunos aqui da mesma forma que tratam seus pais eles tratam os professores. Com palavões de baixo calão, com gritos, são dessa forma que eles conseguem tentar chamar nossa atenção, é na parte da agressão, com mal comportamento, da agressão verbal e ali, com certeza algumas vezes, alguns momentos houve agressão física também. Porque agressões verbais para quem não sabe é aquela que a gente esculhamba, como diz no ditado popular.

O “Diretor” conceitua a indisciplina como “algo que existe uma falta de organização, falta de metas cumpridas e uma falta de respeito, principalmente, respeito com você, respeito com o outro”. Como exemplo ele situa:

Na sala de aula você faltar com respeito com seu professor e com seu colega. Você saber que você vive em grupo, você precisa ter respeito pelo momento de cada um, respeito pelas regras de sala de aula, pelos combinados que são estabelecidos, na escola da mesma forma, você precisa se comportar com educação, com respeito, com dignidade e também respeitar os combinados e regras da escola.

Podemos perceber que a “P1”, atribui a indisciplina à falta de regras no contexto familiar, o que dificulta a sua prática pedagógica, pois torna-se difícil a aceitação de regras por parte dos mesmos. Já a “P2” concorda e acrescenta outros aspectos como: alimentação e o compromisso dos pais para com os filhos. Para o “Diretor”, a indisciplina é a falta de cidadania, o não respeitar o outro, não saber estar em grupo.

Tiba (2006, p.88) concorda quando diz que: “Os filhos deveriam, desde já, praticar em casa o que terão de fazer na sociedade. Esta é a verdadeira educação, tendo como uma de suas bases a disciplina.” Podemos, então, perceber que a família tem um papel importante no processo educacional, principalmente no tocante a ensinar as regras ao filho, que deve receber a educação em casa e ser acompanhado na escola, pois a escola é um espaço de aprendizagens e saber, não sendo aceitável e tido como indisciplina, a falta de respeito para com o outro, seja verbal e/ou física.

Na segunda pergunta, os entrevistados foram indagados se atribuem a indisciplina há algum motivo ou causa. A professora “P1” responde que:

Quando acontece algo na comunidade, eles voltam muito agitados, e parece que passou um furacão, para eles voltarem ao normal leva um tempo,

principalmente na segunda-feira. O que acontece na comunidade reflete na sala de aula, pois a maioria mora próximo uns dos outros, eles ficam conversando, discutindo, falando o que aconteceu, o que eles viram”.

A professora “P2” diz que:

Começa vindo de casa, da educação dos pais, que transfere pra escola da mesma forma, deixando assim bem a mercê. Você chama um pai aqui e o pai faz de conta que você não chamou, chama a mãe aqui e faz de conta que você não chamou e quando vem, ainda fica com raiva de você. Você está pedindo socorro à criatura e você ainda é tachado de mau.

O “Diretor” atribui como:

Eu acredito que a indisciplina vem da educação de casa, educação dos pais, entende-se que da falta dela. É primordial que a educação venha de casa, para que o aluno quando chegar na escola tenha pelo menos a primeira noção de como se comportar, de como viver em sociedade.

Mais uma vez a família é apontada como um dos motivos da indisciplina, mas outros fatores surgem, como observou a “P1”, que percebe a indisciplina, agitação neles, quando algo acontece na comunidade em que estão inseridos, e a “P2” diz que sente muita dificuldade em envolver os pais no que se refere aos atos indisciplinados de seus filhos. O “Diretor” afirma que é primordial a educação vir de casa e que esse aluno tenha pelo menos uma noção do que é viver em grupo. Vejamos o que diz Aquino (2000, p.89-90).

Assim, a organização do trabalho escolar, em tese, não poderá ser pensada como apartada do trabalho familiar. Em verdade, são elas as duas instituições majoritariamente responsáveis pelo que se denomina educação num sentido amplo. Só que o processo educacional depende da articulação desses dois âmbitos institucionais que não se justapõem. Antes, são duas dimensões que, na melhor das hipóteses, podem vir a se complementar, se imbrincar (ou não).

O autor enfatiza a questão da família colocada pelos entrevistados, mas também insere a escola como uma instituição responsável da educação, em sentido mais amplo, no qual podemos inferir a sua importância no cumprimento de regras.

Na terceira pergunta, essa direcionada apenas para as professoras, indagamos quanto a prática disciplinar trabalhada em sala de aula e quais as estratégias utilizadas. A professora “P1” responde que:

A prática é a do diálogo, muita conversa. A melhor estratégia a ser utilizada é de primeiramente escutar o aluno, deixar com que ele coloque e exponha tudo o que ele está trazendo de casa, logo depois, explico ao aluno que na sala de aula é outro ambiente e que o que aconteceu lá fora ele esqueça, pra que a gente consiga focar e ele aprenda.

A professora “P2” nos responde que utiliza a conversa como prática para disciplinar seus alunos e, como estratégia, diz: “procuro me igualar a eles com o objetivo de ganhar a confiança, participação nas aulas e respeito”.

A prática disciplinar, comumente usada entre ambas as entrevistadas, é o diálogo, sendo que a “P1” conclui que o diálogo é a chave para conter a indisciplina, quando deixa que seus alunos, sobrecarregados das mazelas do cotidiano, se expressem em um desabafo, e a “P2” usa do mesmo método e ainda acrescenta que se iguala a ele em uma tentativa de ganhar a confiança do aluno. Do ponto de vista do autor Aquino, reforça-se que:

A nosso ver, uma saída possível reside no coração mesmo da relação professor-aluno, isto é, em nossos vínculos cotidianos e, principalmente, na maneira como nos posicionamos perante nosso outro complementar. [...], o lugar do educador é imediatamente relativo ao do educando, e vice-versa. [...], ambos são parceiros de um mesmo jogo. (AQUINO, 2000, p.95).

A terceira pergunta feita ao “Diretor”, diz respeito a posição da escola (gestão) para o aluno indisciplinado:

Limites de forma bem franca, de forma bem clara...[...]. Trabalhar a indisciplina estabelecendo limites, mas é fundamental o diálogo, a parceria e tentar através de conversas de rodas, de exposição de ideias, de um diálogo mesmo bem aberto chegar a um senso comum.

O diretor também usa da estratégia do diálogo. No seu entender tem que haver uma parceria entre escola-família-professor-aluno. Para Oliveira,

Coerentemente com o exposto, uma segunda maneira que os professores encontram para lidar com a indisciplina é através da aproximação com os pais: Por meio de conversas, procurando conhecer a realidade da família e tentam envolver os pais nas atividades escolares, promovendo reuniões com eles, a coordenação e a direção. (OLIVEIRA, 2011, p.100).

Na citação, Oliveira não só enaltece o diálogo, como também o conhecimento da realidade das famílias, para promover uma interação maior no combate à indisciplina, o que vai

de encontro às respostas elencadas até o momento, nos direcionando para algo importante nesse contexto: um diálogo entre família e escola.

Na quarta pergunta, indagamos às professoras como a escola trabalha em relação aos casos de indisciplina. A professora “P1” responde que:

De acordo com as orientações da gestão escolar, a primeira tentativa de solução de casos de indisciplina é a conversa do professor com o aluno. Não surtindo efeito, o professor encaminha o aluno para a direção e, ainda assim, persistindo, os pais são chamados à escola, mas na maioria dos casos são resolvidos já na primeira tentativa, ou seja, no diálogo do professor com o aluno.

A professora “P2” informa:

Eu tenho apoio do grupo gestor em relação aos alunos indisciplinados, das vezes que precisei eu fui amparada e fui reconhecida, porque, às vezes, tem escola que o aluno é que tem toda razão e o professor é que passa como ruim. Não é o que acontece aqui. Acionou o grupo gestor, o grupo gestor está a postos. E sempre procurando ver os dois lados, não é só o lado do professor, ele (diretor) observa os dois lados para poder tomar as devidas providências. A escola atua com atividades pedagógicas que envolve a participação dos alunos, quando necessário chamam os pais à escola e, não resolvendo, é dado a suspensão ao aluno. Os alunos indisciplinados que não fazem as atividades, esses são levados até a direção e fazem todas as atividades pendentes com a própria direção escolar.

A “P1” explica que são orientados pela gestão escolar, para que os conflitos na sala sejam resolvidos na mesma, referindo-se, mais uma vez, à prática do diálogo como mediador dos conflitos, se não for possível, parte-se para a direção e, por último, não obtendo solução, convoca-se a família. Já a “P2” afirma que tem total apoio da gestão escolar em todos os sentidos, inclusive nas tarefas pendentes, eles fazem com a direção e que, nos casos mais graves, é aplicada a suspensão. Percebemos também que a gestão da escola é um agente participativo que procura ouvir os dois lados, sondando uma melhor forma de resolver os conflitos.

De acordo com Parrat-Dayan (2016, p.51), “Cada vez mais pede-se para a escola reforçar o laço social por meio da educação para a cidadania. Dessa maneira, a escola não foge do problema da aprendizagem de regras para o convívio.”

Na quarta pergunta feita para o “Diretor” (a mesma citada para as professoras), acrescentando, para esse entrevistado, exemplos de casos positivos e negativos. Como a escola trabalha em relação a indisciplina, ele responde que:

Primeiramente tenta solucionar em sala de aula, através do diálogo do professor com a turma, com o aluno específico. Caso ele não consiga, o aluno é direcionado para a direção que conversa também. Para que dialogando, saber o que está acontecendo. Inicia a partir do diálogo, onde são estipulados pelo menos 3 (três) conversas com o aluno sobre a indisciplina, as atitudes, sobre a falta de respeito e, no caso de agressão física, o aluno é suspenso por 2 dias, para que ele veja o tamanho da gravidade que ele fez. Depois das 3 (três) conversas, pedimos para vir o responsável. Todas as conversas são resgistradas no livro de ocorrência e o responsável, quando é chamado, assina o livro de ocorrência e acrescenta depois que, se o responsável comparecer mais de uma vez, é acionado o Conselho Tutelar, dependendo da gravidade, do que for, para que a gente tenha essa visão dos profissionais do Conselho Tutelar, para que nos auxiliem caso a gente não esteja conseguindo obter um resultado favorável.

Como exemplo positivo, o “Diretor” cita:

Temos o monitor do Mais Educação e que hoje está como Monitor de Acesso na portaria. Logo que cheguei na escola esse monitor fazia parte de uma turma que entendeu as mudanças que eu estava propondo em fazer. Aceitaram as normas e regras e toda a turma se dispôs em ajudar a direção da escola e assim o fizeram.

Como exemplo negativo, o “Diretor” informa:

Nós temos alguns alunos que nós tentamos fazer aquele procedimento que eu falei, conversamos, nós chamamos a família, nós conversamos com o Conselho Tutelar. Eu levei para alguns locais para tentar mostrar pra eles...particularmente eu com eles quatro. Levei para livreria, encontros culturais, tentando mostrar o outro lado da vida, como uma forma de resgate e tipo, é a última tentativa, pois eles iriam para o Fundamental II, estava próximo. E hoje eles estão realmente envolvidos no tráfico, já fazem parte dos líderes, e infelizmente nós não conseguimos resgatá-los.

O diretor, enquanto membro da gestão, procura, além do diálogo para a resolução de atitudes indisciplinadas, outras medidas como o “monitor de acesso”, que faz um papel de mediador com a turma. Caso não seja solucionado o problema, outras instâncias como os pais e Conselho Tutelar são acionados. O diretor cita casos positivos e negativos, mas que, independentemente do seu resultado, demonstra uma preocupação da escola em solucionar conflitos, inserindo o aluno no contexto escolar, mostrando a sua importância para o andamento daquele aprendizado, demonstrando que toda ação gera uma consequência, mas, apesar de alguns esforços, alguns alunos acabam envolvidos em problemas sociais, como as drogas.

Parrat-Dayan (2016, p.50) confirma esse sentimento quando afirma: “Na sua dimensão social, as regras são meios de regular as relações entre os membros de uma coletividade. Toda a sociedade dá a si própria regras que delimitam a fronteira do lícito e do ilícito”. E quando não se obedece as regras da própria sociedade, ela mesma se encarrega de adequar essas regras às suas necessidades.

Na quinta pergunta, indagamos às professoras e ao diretor, se existe alguma interação da escola com a família para solução dos casos de indisciplina, sejam leves ou graves. Em resposta, a professora “P1”, prontamente respondeu que:

Sim, o diretor é bastante presente na comunidade. Quando ocorre alguma situação, na acolhida mesmo, o diretor já conversa com os pais a respeito, pedindo a eles colaboração e ajuda junto aos filhos na relação com a escola. A direção da escola é muito amiga da comunidade e com isso as dificuldades são mínimas.

A “P2” informa que “a escola é realmente próxima à comunidade, porém a interação só existe quando há o comparecimento dos pais na escola”. Já o “Diretor”, em resposta, nos informa que:

Sim, e que a realidade ocorre, por muitas vezes, de forma contrária, ou seja, a família que nos pede ajuda. É importante também salientar que existem pais que procuram a escola pra que eu resolva o problema dele, da educação do filho...[...] os pais acham que nós podemos resolver uma situação de dentro de casa. Então hoje em dia tá tudo muito [...], mas as atribuições, elas estão perdendo um pouco o sentido que deveriam, a família, às vezes, está confundindo quem tem que fazer o quê, quem é responsável pelo quê, na educação do filho.

A “P1” exalta a colaboração e disponibilidade sempre presente da gestão em mediar os conflitos em meio à família, tornando a escola amiga/parceira da comunidade. A “P2” confirma essa proximidade, todavia alerta que só é possível se houver o comparecimento e interação dos pais com a escola. O diretor cita famílias que o procuram em busca de resolução e mediação dos seus conflitos familiares. O que nos remete à discussão teórica desse trabalho, onde abordamos que muitos valores estão invertidos e que a cada dia a família recorre mais à escola, pedindo ajuda, mas de certa forma, colocando mais atribuições à escola, que conforme o “Diretor”: “[...] para que eu resolva o problema dele [...]”. A parceria escola e família não pode estar pautada em uma relação de troca de responsabilidades, ambas vivem em um mesmo período e em uma mesma sociedade, então a resolução de conflitos precisa ser em conjunto.

De acordo com Vasconcellos (1995, p. 43):

Se a culpa é da relação social, é necessário transformá-la, na escola e na sala de aula. Criar uma nova relação educacional entre os agentes da comunidade. É esta nova relação que vai gerar novos homens. À participação alienada e passiva devemos pois, opor a participação consciente e interativa, numa coletividade organizada.

Tem que haver uma participação consciente, coletiva e interativa entre escola e família. Observamos que muitas das respostas das professoras são bem próximas, no entanto, percebe-se que a professora “P2” enfrenta uma maior dificuldade e, principalmente, relacionada aos próprios pais, já que não tem uma comunicação, diálogo satisfatórios. Não obstante, a análise feita é que tanto os professores como a escola/direção buscam, de fato, resolver as situações indisciplinadas de forma democrática, com diálogo, sempre com o propósito de oferecer aos alunos uma chance de refletirem sobre suas ações e se conscientizarem da importância que a escola e o aprendizado tem na sua vida.

6 CONCLUSÃO

De acordo com os estudos realizados, podemos concluir que a indisciplina é algo recorrente e que vem se modificando com o passar dos tempos, tendo sua compreensão e características associadas de acordo com a sociedade a qual pertence. Seus desafios e perspectivas são variados e imprevisíveis. Por isso o estudo chama a atenção para a necessidade de compreensão do “problema” da indisciplina, que ocorre no contexto escolar, pois não está associada somente a problemas comportamentais, uma vez que os indivíduos não vivem sozinhos ou excluídos da sociedade e que, para cada período, existe um entendimento de indisciplina e maneiras diferentes de lidar com ela.

Na escola, principalmente na sala de aula, os professores lidam com diversos tipos de indisciplina, desde uma agitação, uma agressão verbal e, às vezes, até agressão física, onde procuram por meio do diálogo, como uma das estratégias, resolver os conflitos.

A família foi apontada como tendo uma grande parcela de responsabilidade sobre a indisciplina de seus filhos, pois ela atribui, em muitas vezes, essa resolução de conflitos, como sendo apenas de responsabilidade da escola.

Pode-se então considerar que a indisciplina no contexto escolar, na atualidade, tem como desafio, incluir todos os seus agentes (família e escola), considerando o problema a partir da realidade do aluno e compreender que todos são responsáveis pelo desenvolvimento, na perspectiva de proporcionar um crescimento saudável da criança, dando a ela conhecimentos para um progresso intelectual, mas também entendimento para a aceitação de regras, para um bom convívio em sociedade e, nessa compreensão, perceberem o alcance dos objetivos propostos.

7 REFERÊNCIAS

ALVES, Cândida Maria Santos Daltro. **(In) Disciplina na escola: cenas da complexidade de um cotidiano escolar.** Ilhéus, BA: Editus, 2006.

AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** 4.ed. São Paulo: Summus, 1996.

AQUINO, Júlio Groppa. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos.** 2.ed. São Paulo: Summus, 2000.

ESCOLA da Inteligência. Indisciplina escolar infantil: causas, consequências e como combatê-la. **Escola da Inteligência,** 2018. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br/indisciplina-escolar-infantil-causas/> Acesso em: 20 de setembro de 2019.

GADOTTI, Moacir. **História da ideias pedagógicas.** 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

GARCIA, Joe. **Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva.** **Revista paranaense de desenvolvimento.** Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr.1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina escolar: determinações, consequências e ações.** 2.ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PASSOS, Arlei Ferreira. **Indisciplina: Falta de limites, violência e fracasso escolar: compreender e educar.** São Paulo: Centauro, 2011.

TIBA, Içami. **Disciplina**: limite na medida certa. Novos paradigmas. 85.ed. São Paulo: Integrare, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 4.ed. São Paulo: Libertad, 1995.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Recebido em: 18/12/2019
Aprovado em: 30/04/2020